

1ª Parte

Estudos

Homenagem a João Clímaco Bezerra

Marly Vasconcelos

Na literatura de João Clímaco Bezerra o rio é sempre o Rio Salgado, correnteza que banhava sua meninice com as cores da liberdade. O rio forte, másculo. Cúmplice de segredos, união de todas as classes.

“Rio, você não viu os meninos que brincavam nos seus dias de enchente? Mas o rio não sabia que meninos eram esses.”

Mantendo o tom de nostalgia em sua ficção, João Clímaco foi além, muito além do traço documental, alcançando uma densidade maior. Escrever era a sua verdade, seu recanto mais sólido. E impulsionando o jorro criativo, colocou no centro de sua tessitura – a Solidão, a Impotência, a Dúvida, a Busca da Transcendência. Mas o tablado que acolhia angústias e culpas, retalhos da tragédia de nossa condição humana ainda era Lavras. Lavras, Lavras, sempre Lavras.

Ultrapassando o feitio de seus livros, todo esse mundo retorna e me lembro de noites derramando madrugadas, apitos de trens, velhas alvenarias em retângulos de pequenos bares. Manuel Bandeira, Lúcio Cardoso, Eça de Queirós, Graciliano Ramos e Octávio de Faria vinham e iam. Mas os loucos de suas crônicas e histórias brincavam na calçada com o vento. Antônio Bilé, Chico Maluco, Soledade. Depois corriam sem rumo. Desenfreados. Seu Rafael e a Doida cantavam, cantavam. Seres mansos, quase sagrados, que sorriam e escapavam.

Agora personagens da História de Lavras sentavam-se à mesa. Entre eles, Fideralina Augusto de Lima, Lobo Manso e Filgueiras Lima. Homem de muita conversa, como dizia, João Clímaco às vezes silenciava ou falava tão baixo, que era preciso um esforço maior para acompanhar o desfile de lavrenses queridos. Padre Mundoca fazia parte daquele cortejo. E atravessava com personagens de sua lavra, invenção, o chão de *Sol Posto* (1952) e *A Vinha dos Esquecidos* (1980). O primeiro, sua obra-prima; o seguinte, o último romance editado. José Gonçalves Linhares ingressava no círculo também. Uma noite, noite tarda, abriu sua Farmácia para acudir o pai do romancista. E a nobreza do ato jamais esquecida.

João Clímaco Bezerra sonorizava sua existência tangido pela lembrança do paraíso perdido, substância de sua escrita, fogos que faíscam, dias de inocência. No entanto, veloz é a vida e ele seguiu seu mapeado. Solitário, saudoso,

descobre-se muito longe das coisas mágicas e me entrega, em março de 1991 (trecho de carta), o desabafo que indicia o reencontro e o mergulho em águas abençoadas. Se o Salgado agora era desejo que não se cumpria, esperança pá-lida, que rio o amparava?

“Mergulhei em Jorge de Lima como o naufrago na esperança. Não, eu não o conhecia, positivamente. Pois, neste instante dorido, cada verso — quantas vezes lido? — se renova como a aurora na anunciação da manhã. E se transforma em luz, em som, sobretudo, em voz. Não a voz do semelhante, mas a voz das coisas, do desconhecido, de Deus. (...) Inútil o meu esforço para não adormecer. O verso de Jorge de Lima me embala e eu me encolho quando clama: ‘O céu jamais me de a tentação funesta/ de adormecer ao léu, na lomba da floresta.’”

Como recuperar o tempo e o espaço que João Clímaco Bezerra guardava na alma? Será possível o resgate? É inconcebível e absurdo tentar o gesto. Contudo, a vontade de trazer à tona mais um pouco do escritor e amigo, mais um pouco do tio, amplia meu fôlego e armo com seus textos uma breve colagem, definindo-o com a pulsação de sua palavra. Vigorosa, lúcida, pouso de seu longo itinerário.

COLAGEM DE TEXTOS DE JOÃO CLÍMACO BEZERRA

“Nasci sem ver o mar. Passei minha meninice por cima do chão. Meus pés correram livres chapinhando a terra que o inverno banhava.”

“E eu era feliz quando corria à beira dos córregos, pés descalços, braços nus.”

“Não, nunca mais vi o mar. E sinto que é preciso amá-lo novamente para que possa sonhar aqueles sonhos que não se realizam nunca e que adormecem a alma como a morfina adormece o corpo.”

“A minha vida será sempre dois mundos. Duas manhãs com uma noite no meio”.

“Um livro começa sempre com uma palavra. Mas onde dorme a palavra tangedora do rebanho?”

“Na calçada o vento frio arrepia. Levanto a gola do paletó e caminho pelo calçamento”.

“A que conduzirá a morte? A esta pergunta você poderia responder.”

“Não sei de nada, positivamente. Mas penso com tristeza na vida. Na vida, onde tudo esbarra na inutilidade do fim.”

“Que triste se tudo acabasse depois da morte.”

“Nunca mais a sonolenta viagem no último bonde, tão só, tão gritante, tão sacolejante.”

“Sei que uma história de nada vale em face da morte. Mas, paciência, não sei outra coisa senão contar pequenas histórias que a vida me ensinou.”

“Nascido de família rural, trazendo no sangue a marca da terra, por que nunca plantei uma árvore?”

“A cabeça cansada, a vida cansada.”

“A canoa cortava as águas do rio”.

“Luta terrível entre a realidade e a memória, entre o presente e o passado”.

“As estrelas continuam soltas, brilhando no céu”.

“E penso nos poetas, nos santos, nas rosas que florescem no jardim”.

“Mas não procuro aqueles poetas que povoaram de sonhos a minha juventude. Estamos longe, perdidamente longe.”

“Vento, você não viu Aníbal Hortêncio Guimarães?”

“A minha vida será sempre dois mundos. (...)”

Textos colhidos em *O Homem e seu cachorro*, *Sol posto*, *Não há estrelas no céu*, *O semeador de ausências*, *A vinha dos esquecidos*.